



A Revista HISTEDBR On-line publica artigos resultantes de estudos e pesquisas científicas que abordam a educação como fenômeno social em sua vinculação com a reflexão histórica

Correspondência ao Autor
Nome: Márden Cardoso
Miranda Hott
E-mail:
estagioeff@yahoo.com.br
Instituição: Universidade
Federal de Minas Gerais, Brasil

Submetido: 01/10/2019
Aprovado: 17/03/2020
Publicado: 08/10/2020

 10.20396/rho.v20i0.8656918
e-Location: e020055
ISSN: 1676-2584



Distribuído
Sobre



O PROCESSO DE MORTE E MORRER: EDUCAÇÃO DA ENFERMAGEM NA ESCOLA E EM SERVIÇO

  Márden Cardoso Miranda Hott¹

  Amanda Márcia dos Santos Reinaldo²

RESUMO

A equipe de enfermagem é educada visando a promoção, prevenção e tratamento dos pacientes. Diariamente permanecem em conflito lutando a favor da vida e contra a morte. Mesmo que os avanços científicos e tecnológicos proporcionem a elevação da expectativa de vida dos assistidos, a formação e o amadurecimento destes trabalhadores para lidarem com a possível prorrogação, porém inevitável finitude parece não acompanhar esse cenário. O ensaio teórico apresentado busca demonstrar que a necessidade de implementação de disciplinas que contemplem o processo de morte e morrer nos currículos escolares, bem como a educação em serviço para enfermeiros e técnicos em enfermagem se faz urgente. Conclui-se que a abertura do espaço para discussão que enfoque a temática poderá instrumentalizar os trabalhadores de saúde para o enfrentamento de um processo que é natural, mas que envolve muitas variáveis, especialmente no que tange a própria saúde emocional da equipe e as relações interpessoais.

PALAVRAS-CHAVE: Educação. Ensino. Currículo. Enfermagem. Morte.



THE DEATH AND DIE PROCESS: NURSING EDUCATION IN SCHOOL AND SERVICE

Abstract

The nursing team is educated in order to promote, prevent and treat patients. Daily they remain in conflict, fighting for life and against death. Even if scientific and technological advances provide an increase in the life expectancy of those assisted, the training and maturation of these workers to deal with the possible extension, however inevitable finitude does not seem to accompany this scenario. The theoretical essay presented seeks to demonstrate that the need to implement disciplines that contemplate the process of death and dying in school curricula, as well as in-service education for nurses and nursing technicians is urgent. It is concluded that the opening of the space for discussion that focuses on the theme can equip health workers to face a process that is natural, but that involves many variables, especially with regard to the team's own emotional health and interpersonal relationships.

Keywords: Education. Teaching. Curriculum. Nursing. Death.

EL PROCESO DE MUERTE Y MURIR: EDUCACIÓN EN ENFERMERÍA EN LA ESCUELA Y EL SERVICIO

Resumen

El equipo de enfermería está formado para promover, prevenir y tratar pacientes. Todos los días permanecen en conflicto, luchando por la vida y contra la muerte. Incluso si los avances científicos y tecnológicos proporcionan un aumento en la esperanza de vida de los asistidos, la capacitación y la maduración de estos trabajadores para hacer frente a la posible extensión, sin embargo, la inevitable finitud no parece acompañar este escenario. El ensayo teórico presentado busca demostrar que la necesidad de implementar disciplinas que contemplen el proceso de muerte y muerte en el currículo escolar, así como la educación en servicio para enfermeras y técnicos de enfermería es urgente. Se concluye que la apertura del espacio de discusión que se enfoca en el tema puede equipar a los trabajadores de la salud para enfrentar un proceso que es natural, pero que involucra muchas variables, especialmente con respecto a la salud emocional y las relaciones interpersonales del equipo.

Palabras clave: Educación. Enseñando. Plan de estudios. Enfermería. Muerte.



CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Educar é uma ação que deve acompanhar o ser humano em todo o seu percurso existencial. São vários os caminhos pelos quais a educação implica em ato necessário para o convívio social e dentre eles se insere a formação para o mundo do trabalho. Esse universo engloba ofícios que estão relacionados às diversas áreas do saber, no entanto aquelas envolvidas para com às ciências da saúde se apresentam com um insigne diferencial. Os profissionais que compõem este segmento são educados visando a promoção, prevenção e tratamento dos processos de saúde e doença (BOTH *et al.*, 2012), ou seja, para a valorização e preservação da vida, espelhando a nobreza das atribuições.

No entanto, a educação para o viver também deve incluir a educação para o morrer, uma vez que esta se caracteriza como última etapa, encerrando fisiologicamente o ciclo da existência humana. Neste contexto holístico, uma das profissões que está intimamente ligada à questão é a enfermagem, por compor o maior contingente de trabalhadores da saúde, integrado por enfermeiros graduados, engendrados por instituições de ensino superior e por técnicos em enfermagem, instruídos em escolas profissionalizantes. Este montante é de 1.800.000 de um total de 3,5 milhões de trabalhadores de saúde. (MACHADO *et al.*, 2016). Ambos níveis profissionais prestam assistência ininterrupta aos pacientes, 24h por dia, 7 dias da semana, estando presentes desde o cuidado domiciliar, o denominado *Home Care*, passando pelos níveis básicos de atendimento, como Postos e Centros de Saúde, até a atenção mais complexa em ambiente hospitalar, como nas Unidades de Terapia Intensiva.

Esses profissionais se encontram em constante desafio, uma vez que, diariamente, permanecem em conflito lutando a favor da esperança de viver e contra a possibilidade de morrer (MAGALHÃES *et al.*, 2007), convivendo com o ideário de que o progresso científico e tecnológico são capazes de reverter e até mesmo evitar (quase) todas as situações de agravo à saúde. No entanto, mesmo que os avanços possam proporcionar a elevação da expectativa de vida dos assistidos, a formação e o amadurecimento da equipe de enfermagem para lidar com a possível prorrogação, porém inevitável finitude parece não acompanhar este ritmo.

Obter sucesso na sobrevivência de pacientes é algo extremamente compensatório, mas independente de quadros provisórios ou transitórios, e da rotatividade dos atendidos, mais cedo ou mais tarde, os trabalhadores da enfermagem irão se defrontar com episódios de fatalidade. Considerando que o fenômeno trás consigo elementos subjetivos que envolvem as pessoas nas suas vertentes multidimensionais, o educar para a morte necessita receber a atenção que carece e merece. E ao se falar em educação, para além de qualquer processo de qualificação técnica, o que está em pauta é uma autêntica paideia, com vistas à formação de uma personalidade integral. (SEVERINO, 2006).

Em princípio, a equipe de enfermagem e aqueles que a capacita formalmente (na escola) ou não formalmente (em serviço) têm o dever de habilitar, seja na condição de discente ou posteriormente na função de servidor, tanto a assimilação da informação para formação quanto



para a aquisição da atualização para execução do exercício profissional, movimentando teorias e práticas. São diversas e adversas as atribuições da equipe de enfermagem, deste modo, lidar com tantas nuances ocupacionais já deveria ser uma incitação ao considerar a relevância de todas elas, inclusive, a morte presenciada paulatina ou abruptamente.

Contudo, há o vislumbre de que os indivíduos e instituições serão mais capazes de superar a praxe educacional relacionada ao processo de morte e morrer se engajando em esforços desta natureza (INCONTRI; SANTOS, 2011), este aprendizado se torna tão imperativo quanto os que conduzem as lides para o viver. Trata-se de um investimento fundamentalmente humano que pode contribuir para a elevação da qualidade da assistência física e emocional de todos os envolvidos no processo saúde-doença e nos seus desfechos. O olhar condescendente para pacientes, familiares e para consigo enquanto profissional, sem se eximir da necessária visão objetivista, é de apregoada relevância altruísta. Neste complexo contexto do ensinar, do aprender e do implementar, é que este ensaio teórico apresenta seu delineamento.

A INTERDIÇÃO DA MORTE NA SOCIEDADE ATUAL

O exercício da enfermagem brasileira até o final do século XIX era baseado na solidariedade, uma vez que ainda não havia o advento da institucionalização do ensino, sendo este consagrado a partir do ano de 1890 com a ocorrência da criação da primeira escola preparatória. (OGUISSO, 2007). Quando a morte passou por um processo de medicalização no início do século XX, esta foi transferida do seu habitat natural, a residência do moribundo, para o meio hospitalar, sendo alijada do convívio social. (ARIÈS, 2000, 2003). Desde então, essa mudança ambiental vem requerendo atenção especial não apenas para quem está sendo cuidado, mas também para quem cuida.

Durante o processo assistencial os profissionais de enfermagem estão sob influenciada ocorrência deste tipo de episódio, o óbito, se concretizar a qualquer momento, sendo parte integrante do cotidiano hospitalar. Contudo, apesar da morte ser considerada um evento corriqueiro nesses locais, observa-se que a equipe de enfermagem apresenta dificuldades para prestar cuidados ao paciente e interagir com seus familiares frente a essa fatalidade. (MOTA *et al.*, 2011). O acontecimento pode vir a se tornar complexo, visto que o sucesso terapêutico idealizado pelo doente, por seus afins e seus assistentes, tende a se configurar como fortuito quando não alcançado.

Uma das questões que podem ter contribuído para esta problemática é o fato do tema ter se tornado interdito em todos os níveis formativos, dificultando o contexto geral da educação para a vida, pois a morte é contingência do viver. (SANTOS, 2010). Este déficit educativo precisa ser revisto, visando preparar os profissionais da enfermagem para lidarem com situações que culminem no processo fisiológico de morrer. É fato que no cenário brasileiro a imensa maioria de profissionais que atuam na docência em enfermagem é composta por enfermeiros que também participam efetivamente nos programas de treinamento e aprimoramento do



pessoal de saúde durante o processo de trabalho, viabilizando a formação permanente e continuada.

Deste modo, a interação entre docentes e discentes, educador e educando, é apontada como forma de mediação universal e insubstituível nessa formação. Por mais que o juízo esteja maculado pelo mundo tecnicista e produtivo do trabalho, a alienação cultural em um universo do cuidar que enfoca com veemência a humanização, a morte não pode ser desconsiderada. Contudo, esta é uma realidade que pode ser vista nos estudos e pesquisas publicadas nos últimos anos. É notório o crescimento dos investimentos em “Cuidados Paliativos” que abordam o processo de morte e morrer, porém, esta atenção ainda está em fase de implantação na maioria dos serviços de saúde, o que já se traduz como ascensão, mas sua vertente conduz o olhar para pacientes graves e crônicos, reconhecidamente portadores de patologias fatais ou potencialmente fatais.

A inclusão de disciplinas que abordem a morte e o morrer, para além do conhecimento mecanicista, proporciona sensibilidade para uma assistência mais humanizada dentro das instituições de saúde, sendo diferencial para a qualidade de vida dos pacientes terminais e dos profissionais da saúde. (MONTEIRO; OLIVEIRA; VALL, 2010). No entanto, é verossímil que o óbito pode vir ao encontro destes trabalhadores em qualquer nível da atenção à saúde, não somente em setores de alta complexidade. Por comum, as mortes súbitas e inesperadas são as que mais provocam desajustes emocionais nas equipes de saúde e no círculo familiar. Parte desse pressuposto a relevância de instituir táticas que eduquem todos os envolvidos para o enfrentamento de situações consideradas hostis em todos os locais onde possivelmente estas possam se apresentar.

O PARADIGMA DA MORTE NO CURRÍCULO

Cardoso, Ribeiro e Martins (2019) apontam os principais referenciais teóricos para o processo de morte e morrer na perspectiva da enfermagem, sendo estes: Imogene King, por entender que, caso não seja possível promover, manter e restaurar a saúde, é preciso investir na morte digna; Callista Roy, ao defender a potencialização da interação profissional/paciente, contribuindo para a saúde ou para o óbito com altivez; Madeleine Leininger, por considerar que a enfermagem centrada nos fenômenos do cuidar deve incluir o auxílio no enfrentamento das deficiências ou fenecências; Jean Watson, que enfatiza a assistência harmonizadora do corpo, da alma e do espírito; e Afaf Meleis, por defender a enfermagem focada na transição das experiências humanas.

As autoras mencionadas concluem que a morte e o processo de morrer requerem da enfermagem ações consensuais para com a teoria, demonstrando a relevância e a necessidade da escalada disciplinar e profissional. Os pensamentos postos, em síntese, estão voltados para a questão fundamental que envolve a carência no ensino e aprendizagem: a humanização diante



da inevitabilidade da morte. No cenário atual, embora o atendimento humanizado na e para a vida seja veemente, o amparo diante do morrer ainda está em detrimento.

A Organização Mundial de Saúde instiga a valorização da qualidade de vida dos doentes e dos seus familiares para o enfrentamento das questões de ordem física, psicossocial e espiritual (WHO, 2002), o que conseqüentemente diz respeito a tudo o que envolve o percurso que se esbarra na finitude biológica. A Rede HumanizaSUS, criada pelo Ministério da Saúde, fomenta alterações incitando os profissionais envolvidos a (re)pensarem e intervirem no cotidiano da saúde coletiva brasileira. (SUS, 2003). Portanto, refletir sobre o habitual que se traduz objetivamente nos termos “saúde” e/ou “vida”, é também compreender o extremo implícito, a morte.

Este ideário, por não ser algo construído recentemente, indica que o problema está sendo relegado, pois há quase duas décadas as sinalizações advêm de instituições da saúde de elevada representatividade. Neste contexto, os indicativos são suficientes para que se entenda que o processo de morte e morrer precisa ser incluído na formação profissional e/ou em serviço. É preciso transmutar concepções em ações e não há outra maneira de fazê-las a não ser por meio da educação otimizada, considerando que esta se encontra fragilizada em toda a sua conjuntura, como podemos verificar em trabalhos sobre o tema.

Alguns estudos têm apontada a urgência em contemplar revisões curriculares e se instituir projetos de intervenção para aproximar o tema morte e morrer do universo que o envolve. Ao analisar o medo que o óbito de pacientes desperta em estudantes de graduação das várias áreas da saúde, os resultados apontam para a questão da educação (KOVACS, 1985), ou seja, para a ausência de investimentos em ações formativas que visem encontrar estratégias para minimizar a dificuldade do assunto. Portanto, esta fragilidade é percebida há décadas, desde o século passado, mas pouco tem sido feito para mudar a realidade ainda vigente.

Em estudo mais recente, foi apontado que na formação acadêmica dos profissionais da saúde a temática é negligenciada ou até inexistente, pois a grade curricular aborda com amplitude a parte prática, muito raramente é abordada a seção humanística e filosófica, quando contempladas ocorrem superficialmente. (SALOMÉ; CAVALI; ESPÓSIO, 2009). Desta forma, o transcurso formativo está mais preocupando em ensinar técnicas, uma vez que escassa importância tem se dado ao apoio psicológico do aluno diante dessa questão tão polêmica e de suma importância para o bom desenvolvimento do ensino e da aprendizagem (BENEDETTI *et al.*, 2013), que trará como aspirada consequência a excelência no atendimento prestado.

Portanto, algumas universidades e instituições de ensino parecem não dar ênfase ao debate, apesar de constar em suas propostas curriculares a abordagem integral da assistência na prática clínica, o que incluiria o estudo da morte e do processo de morrer. (GALVÃO, 2010). As matrizes curriculares dos cursos de enfermagem revelaram que estes oferecem uma formação baseada na perspectiva biomédica, desfocada da humanização e dos cuidados paliativos, havendo pouco preparo do acadêmico da saúde para trabalhar as situações de perda



e luto. (SARTORI, BATISTEL, 2017). Esta falha pode acarretar problemas de ordem emocional, em especial a depressão e o stress pós-traumático, vezes difíceis de serem superados.

Ao tecer esta trama, se inclui a deficiência ou a total ausência de disciplinas que dão enfoque ao assunto, não permitindo na grade curricular imposta a imersão do corpo de docentes e discentes nesse contexto. Neste sentido, é necessário ir além, por se tratar de um conteúdo que evidencia a necessidade de ser abordado de maneira transversal nos cursos e em todas as disciplinas e ambientes que tenham uma relação íntima com o evento do óbito. (SALOMÉ, CAVALI; ESPÓSITO, 2009). No entanto, é fato que a verticalidade autoritária da organização educacional deve ser a precursora da adesão às ações transformadoras e se mostrar sensível e flexível a novas implementações.

No campo de trabalho, em pesquisa que buscou descrever os fatores que interferem na convivência dos profissionais da saúde com a morte e o morrer, foi verificado que as instituições de saúde deixam a desejar no que se refere a dar suporte emocional aos seus profissionais, prejudicando o andamento do setor, a assistência oferecida ao paciente e a saúde mental do grupo. (MASSARINI; BARBOSA, 2013). Em mais recente estudo, o que foi revelado é que se aprende a conviver com a questão por meio das experiências pessoais de vida privada e do trabalho, tanto durante a formação acadêmica, quanto no exercício profissional. (SARTORI; BATISTEL, 2017).

Para além das questões institucionais, a necessidade de mudar a maneira de pensar a relação da vida e da morte é axiomática, o que certamente é uma tarefa árdua, sobretudo se pensarmos que isto implica numa ferida narcísica profunda no desejo humano de onipotência. Quando referimos esta situação aos pacientes, antes do ofício da equipe de enfermagem, a proteção, a qual pode dar sentido e legitimidade ao agir profissional, surge o “recalque” do pensamento da morte. (SEVERINO, 2006). Neste sentido, pensar ou falar sobre a morte se tornou tema interdito na sociedade atual e este ideário se estende ao campo das profissões (co)relacionados ao acontecimento.

É salutar exaltar a máxima da vida em sua plenitude. Esta premissa filosófica positivista é ideal para o bem-viver, mas esta representação pode ser alterada de forma drástica quando a experiência do “perder” se aproxima e se concretiza para o sobrevivente. Na verdade é mais saudável que não se rejeite a morte, vendo-a como uma parte da vida. Se as pessoas passarem a compreender que o antônimo da palavra morrer é na realidade o termo nascer, e que é neste espaço entre o início e o fim que se encaixa o vocábulo viver, a visão global da jornada traria sentido ao conjunto de verbos que sintetizam a experiência humana, fazendo deste percurso um consciente de naturalidade, minimizando a banalização ou a exacerbação das sensações, como Barros de Oliveira levanta:

Se é natural morrer, porque não há de ser natural educar sobre e para a morte, falar da morte, própria e alheia, e ensinar (e aprender) a bem viver e o bem morrer? Não será possível uma pedagogia da morte, que poderíamos denominar educação tanatológica? A resposta é que não apenas tal educação é possível, mas também necessária para uma



educação integral. Não educar para a morte é praticar uma educação parcial e mentirosa. (BARROS DE OLIVEIRA, 1998, p. 22).

Não havendo espaço para a discussão das vivências e implicações que o evento engendra, as relações interpessoais inerentes do processo de morte e morrer se configuram como lacunas perniciosas que perpassam a interação entre a equipe de enfermagem e seus pacientes, abrangendo o distanciamento também com familiares que compõem esta conjuntura. Tocar na raiz da problemática, eximindo aqui a educação informal que se edifica a partir do núcleo familiar e se complementa em sociedade, mas focando diretamente na formação “para” o trabalho, esta pode se traduzir em efeito cascata que proliferará para todos os âmbitos da instrução, inclusive aquela voltada para a educação “em ou no” trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Proteger é uma ação inerente à profissão da enfermagem, mas é preciso compreender que esta égide tem princípio, meio e fim. A laboração com o capítulo da finitude é tão relevante quanto qualquer processo humano que envolve sentimentos das mais diversas naturezas, como o temor, a impotência e muitas vezes o descaso neutralizante. Para superar esta repressão cultural, a abordagem sobre as questões da tanatologia deve ter inclusão na graduação e profissionalização em enfermagem, para tal se torna também imprescindível conteúdo de aptidão docente. O tema é indispensável para se colocar em pauta, tendo em vista uma melhor aproximação frente à educação para lidar com as adversidades do outro e de si mesmo.

Nota-se que urge a necessidade de efetivação de conteúdos que contemplem o processo de morte e morrer não apenas nos currículos escolares, mas também na educação em serviço para enfermeiros e técnicos em enfermagem, prevenindo os extremismos da afetação ou da alienação. A inserção da temática poderá instrumentalizar os trabalhadores de saúde para o enfrentamento de um processo que é natural, mas que envolve muitas variáveis, especialmente no que tange a própria saúde emocional da equipe e as relações interpessoais. Profissionais da enfermagem adoecem frequentemente não apenas pelo excesso de trabalho ou pela exposição aos riscos microrgânicos, mas também por falta de estrutura psíquica para lidarem com as dores do corpo e da alma. O autocuidado não visa apenas proteger a si mesmo, mas todos que estão em seu entorno.

Na atualidade, em tempos que se estimula a humanização da assistência, o pauperismo nesta matéria não pode continuar vigorando. Mudanças neste sentido só ocorrem por meio de estratégias educacionais. Instituições formadoras, equipes pedagógicas, docentes e educadores de campo precisam incorporar nas práxis a problemática da morte em toda e qualquer unidade de atendimento à saúde. Estando preparados de maneira mais adequada para os eventos adversos, estes poderão dar assistência ao processo e consumação da finitude fisiológica dos seus pacientes de forma mais qualificada. Assim, conseguirão concluir e retornar para a um novo plantão assistencial, alicerçados para o processo mais complexo de enfrentamento, o



sofrimento físico, psíquico e a terminalidade, ascendendo à máxima da dignidade humana: a ética e a moralidade, como assevera a psiquiatra de origem suíça, Elisabeth Kübler-Ross:

Enfrentar a morte significa enfrentar a questão final do significado da vida. Se realmente queremos viver, devemos ter a coragem para reconhecer que a vida é, em última análise, muito curta, e que tudo o que fazemos conta. Quando é à noite esperamos ter a chance de olhar para trás e dizer: valeu a pena porque eu realmente vivi. (KÜBLER-ROSS, 1986, p. 126, tradução nossa).

Ensejamos com este trabalho seja um veículo de contribuição para a reflexão da agremiação educadora, formal ou em serviço, tanto da graduação, quanto da profissionalização em enfermagem, no que tange a revisão de conteúdos que contemplem a questão da morte e do morrer dos pacientes, de modo significativo e multifacetado. Incentivamos que investimentos em pesquisas sobre o tema, especialmente voltados para os notáveis profissionais da enfermagem, sejam cada vez mais elaboradas a fim de que se possa chegar ao fastígio de transcrever nesses moldes sobre as benesses transformadoras que a constante evolução de saberes e práticas universalistas podem trazer para a sociedade.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, P. **A História da morte no ocidente**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

ARIÈS, P. **O Homem perante a morte I e II**. Lisboa: Publicações Europa-America, 2000.

BARROS DE OLIVEIRA, J. H. **Viver a morte – abordagem antropológica e psicológica**. Coimbra: Livraria Almedina, 1998.

BENEDETTI, G. M. S. *et al.* Significado do processo morte/morrer para os acadêmicos ingressantes no curso de enfermagem. **Rev Gaúcha Enferm**, v. 34, n. 1, p. 173-179, 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-14472013000100022&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 05 maio 2019.

BOTH, J. E. *et al.* The dying and death of elderly hospitalized in perspective of nursing professionals. **Rev. Cienc. Cuid. Saúde**, v. 12, n. 2, p. 558-565, 2012. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/317453919>. Acesso em: 20 maio 2019.

CARDOSO, M. F. P. T.; RIBEIRO, O. M. P. L.; MARTINS, M. M. F. P. S. A morte e o morrer: contributos para uma prática sustentada em referenciais teóricos de enfermagem. **Rev. Gaúcha Enferm**, v. 40, e20180139, 2019. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S198314472019000100406&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 10 abr. 2019.

GALVÃO; N. A. R. *et al.* A morte e o morrer sob a ótica dos profissionais da saúde. **Revista Estima**, v. 8, n. 4, p. 26-34, 2010. Disponível em:



http://www.revistaestima.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=47:artigo-original-2&catid=17:edicao-vol-84&Itemid=88. Acesso em: 20 maio 2019.

INCONTRI, D.; SANTOS, F. S. As leis, a educação e a morte: uma proposta pedagógica de tanatologia no Brasil. *International Studies on Law and Education*, **CEMOrOc-Feusp**, IJI-Univ. do Porto, 2011. Disponível em: <https://docplayer.com.br/12377466-As-leis-a-educacao-e-a-morte-uma-proposta-pedagogica-de-tanatologia-no-brasil.html>. Acesso em: 20 maio 2019.

KOVACS, M. J. **Um estudo sobre o medo da morte em estudantes universitários nas áreas de saúde, humanas e exatas**. 1985. Tese (Doutorado) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1985. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/enfermagem/resource/pt/pte-25498>. Acesso em: 01 jun. 2019.

KÜBLER-ROSS, E. **Death: the final stage of growth: "Death as part of my own person all life"**. New York: Touchstone, 1986. p. 119-126.

MACHADO, M. H. *et al.* Características gerais da enfermagem: o perfil sócio demográfico. **Enferm. Foco**, v. 6 n. 1-4, p. 11-17, 2016. Disponível em: <http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/686>. Acesso em: 01 jun. 2019.

MAGALHÃES, M. J. B. *et al.* Sentimentos dos enfermeiros ao cuidar do paciente terminal. **Interd.** v. 105, n.9, p. 89-93, 2007. Disponível em: <http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IsisScript=iah/iah.xis&src=google&base=BDEF&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=15651&indexSearch=ID>. Acesso em: 01 jun. 2019.

MASSARINI, L.; BARBOSA, A. M. G. C. Convivendo com a morte e o morrer. Considerações sobre as bases de uma filosofia trágica. **Diálogos Interdisciplinares**, v. 2, n. 3, p. 52-63, 2013. Disponível em: <https://revistas.brazcubas.br/index.php/dialogos/article/view/37>. Acesso em: 20 maio 2019.

MONTEIRO, F. F.; OLIVEIRA, M.; VALL, J. A importância dos cuidados paliativos na enfermagem. **Revista Dor Online**, v. 11, n. 3, p. 242-248, 2010. Disponível em: http://unimagemwebcast.com.br/webcast/revistador/Dor/2010/volume_11/n%C3%BAmero_3/pdf/volume_11_n_3_pags_242_a_248.pdf. Acesso em: 30 maio 2019.

MOTA, M. S. *et al.* Reações e sentimentos de profissionais de enfermagem frente à morte dos pacientes sob seus cuidados. **Rev Gaúcha Enferm.** v. 32, n. 1, p. 129-133, 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-14472011000100017. Acesso em: 20 maio 2019.

OGUISSO, T. **Trajatória histórica e legal da enfermagem**. 2. ed. São Paulo: Manole, 2007.

SALOMÉ, G.; CAVALI, A.; ESPÓSITO, V. H. C. Sala de Emergência: O cotidiano das vivências com a morte e o morrer pelos profissionais da saúde. **Rev Bras Enferm**, v. 62, n. 5, p. 681-686, 2009. Disponível em:



http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672009000500005. Acesso em: 01 jun. 2019.

SANTOS, F. S. (org.). **A arte de cuidar- saúde, espiritualidade e educação**. Bragança Paulista: Comenius, 2010.

SARTORI, A. V.; BATTISTEL, A. L. H. T. A abordagem da morte na formação de profissionais e acadêmicos da enfermagem, medicina e terapia ocupacional. **Cad. Bras. Ter. Ocup.**, São Carlos, v. 25, n. 3, p. 497-508, 2017. Disponível em: <http://doi.editoracubo.com.br/10.4322/2526-8910.ctoAO0770>. Acesso em: 01 jun. 2019.

SEVERINO, A. A busca do sentido da formação humana: tarefa da Filosofia da Educação. **Educação e Pesquisa**, v. 3, n. 32, p. 619-634, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-97022006000300013>. Acesso em: 01 jun. 2019.

SUS. **Rede Humaniza SUS**. 2003. Disponível em: <http://redehumanizasus.net/>. Acesso em: 19 abr. 2020.

WHO. World Health Organization. **OMS: Definição de cuidados paliativos**. Genebra. 2002. Disponível em: <https://www.who.int/cancer/palliative/definition/en>. Acesso em: 19 abr. 2020.

Notas

¹ Mestrado em Medicina / Ciências Fonoaudiológicas pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Pesquisadora da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Contato: estagioeff@yahoo.com.br

² Doutorado em Enfermagem Psiquiátrica pela Universidade de São Paulo (USP). Professora Associada da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Contato: amandamreinaldo@gmail.com